

LUX

3 FILMES
24 LÍNGUAS
28 PAÍSES

FILM

DAYS

MA VIE DE COURGETTE
(A MINHA VIDA DE COURGETTE)

Claude Barras
Suíça, França



LUX
FILM PRIZE
O PARLAMENTO EUROPEU
PROMOVE A CULTURA

ye10
ars



Parlamento Europeu

MA VIE DE COURGETTE

A Minha Vida de Courgette

UM FILME DE ANIMAÇÃO DE CLAUDE BARRAS

Courgette não é um legume, é um valente rapazinho. Acredita que está só no mundo quando perde a mãe. Mas não conta com os encontros que terá na sua nova vida no lar para crianças. Simon, Ahmed, Jujube, Alice e Béatrice: todos têm a sua história e são tão duros como meigos. E depois há uma rapariga, Camille. Quando se tem 10 anos, ter um grupo de amigos, apaixonarmo-nos, há muito para descobrir e aprender. E por que não, mesmo, ser feliz...

Este filme de animação, destinado a um vasto público, é adaptado de um romance. Distingue-se da produção destinada à maioria do público jovem pela sua estética original (figuras de grandes olhos redondos que são animadas) mas sobretudo pelo tom, que permite abordar questões graves com grande pudor. «Seria ousado afirmar que este filme tem o tom ideal para um filme infantil», reconhece Céline Sciamma (*Tomboy* e *Bando de Raparigas*, este último concorrente ao Prémio LUX em 2014) a quem foi confiada a redação do cenário.

UMA TENSÃO ENTRE A FORMA E O CONTEÚDO

À primeira vista, *Ma vie de Courgette* (*A Minha Vida de Courgette*) parece um filme para crianças: o filme de animação é um género fortemente associado ao público jovem. Aqui, as personagens com cabeças desmesuradas, de grandes olhos redondos, não desmentem essa impressão, tanto mais que a personagem principal é um rapaz de 9 anos. O universo visual no qual se move é bastante colorido; o próprio Courgette tem cabelo azul. As diferentes personagens são construídas com base no mesmo modelo, as variações surgem ao nível das cores, dos volumes, das vozes e também dos pormenores que marcam a personalidade, por vezes de forma um pouco caricatural: os óculos da Sr.^a Papineau (a diretora do lar), a cicatriz de Simon, a mecha loura de Alice que lhe oculta o rosto.

Mas esta impressão do enquadramento etiquetado de «cinema infantil» é logo contestada: com efeito, desde os primeiros minutos, apercebemo-nos de que o tema do filme e o seu tom o situam num registo bastante distante do que se propõe em geral às crianças: a mãe de Courgette vê televisão sozinha, bebendo cerveja (as latas rolam pelo chão) e comentando a telenovela com palavras de desengano sobre os homens («Mentiroso!», diz ela ao ator que promete o seu amor à atriz). Courgette, com os olhos rodeados de um halo azul, como olheiras que não são próprias da sua idade, apanha as latas vazias para brincar, empilhando-as no sótão. Mas quando a sua torre de latas se desmorona, a mãe, incomodada pelo ruído e pela desordem, chama o filho e sobe ao sótão, prometendo-lhe uma sova...

Esta primeira sequência apresenta a situação com grande eficácia: conclui-se, naturalmente, que a mãe de Courgette foi abandonada pelo marido e que o seu desespero a levou ao alcoolismo. Talvez o ódio aos homens em geral ou a aversão que lhe inspira o marido infel recaiam sobre o filho, em quem pretende bater por um peca-dilho. E isto parece ser um hábito.

Mas esta situação já sórdida agravar-se-á ainda mais: Courgette, receando a sova, fecha o alçapão do sótão que bate na cabeça da mãe e ouvimos a queda desta pela escada abaixo. A sequência seguinte confirma as hipóteses mais sombrias do espetador: o agente da polícia pergunta a Courgette se a mãe era amável com ele e, quando se fala do pai, Courgette mostra o seu papagaio de papel, onde desenhou o pai, enquanto na outra face se vê uma franga, «a franga do meu pai» diz ele, citando as palavras da mãe...





Courgette, uma criança, não compreendeu — em todo o caso, não de forma consciente — que a franga do pai não é realmente uma franga, mas é claro que o espetador adulto percebeu que o pai partiu com outra mulher. O humor da cena, igualmente apreendido apenas pelos espetadores adultos, é cortante.

Assim, o cerne do filme é apresentado desde os primeiros minutos: *Ma vie de Courgette* (*A Minha Vida de Courgette*) assemelha-se a um filme infantil, pode certamente ser visto por crianças, uma vez que adota a perspetiva de uma criança, mas dirige-se também aos adultos.

GRANDES OLHOS REDONDOS

O cinema destinado ao público jovem peca, por vezes, pelo seu carácter simplista ou até caricatural, mesmo maniqueísta. Em *Ma vie de Courgette* (*A Minha Vida de Courgette*), existem, de facto, oposições claras entre os bons e os maus (Raymond, o agente da polícia, contra a tia de Camille...), mas se há uma tendência para julgar imediatamente, mesmo de forma prematura (como Ahmed que deita água, sistematicamente, sobre a cabeça de Raymond «porque é polícia» ou como a senhora da montanha que acusa Ahmed de roubar e mentir, sem dúvida porque ele é de origem magrebin), o filme apresenta, contudo, um discurso mais matizado.



Assim, a personagem de Simon (cicatriz na testa, camisola com uma cabeça de um morto, atitude arrogante) é rapidamente identificada como a do pequeno chefe de bando do lar, que perseguirá Courgette: troça dele, tira-lhe a cadeira quando se vai sentar, diz-lhe «Bem-vindo à prisão, nabo», o que soa como uma ameaça. Porém, após um confronto entre os dois rapazes, é Simon que aborda Courgette e toma a iniciativa de estabelecer uma relação com ele, revelando-lhe as razões pelas quais cada criança do lar se encontra ali. De seguida, embora não nunca se distancie dessa atitude um pouco rebelde (os seus grafitos «cabeça de morto» cobrem as paredes do lar), descobre-se que a sua personagem de «grande que maça os pequenos» esconde, de facto, outra personalidade, a de um benevolente irmão mais velho. Assim, ajuda Camille a fugir da sua malvada tia e, sobretudo, após a partida de Courgette e Camille, é ele



que movimenta os pequenos, embora esteja visivelmente perturbado: «Vamos correr e o último a chegar lava as minhas cuecas até ao fim da sua vida». Neste desafio lançado aos pequenos, está toda a complexidade dos sentimentos de Simon: a tristeza de ver partir os amigos, a consciência de que ele próprio nunca será adotado, o desejo de poupar aos mais jovens uma reflexão demasiado prolongada sobre o momento, a vontade de ocultar a sua sensibilidade por trás de uma ameaça «falsa» e, por último, uma grande solidão. Na verdade, Simon encontra-se precisamente entre a infância e a idade adulta.

As crianças do lar têm uma visão truncada da vida adulta devido à sua experiência pessoal: Courgette viu o pai abandoná-los, a ele e à mãe, e depois esta cair no alcoolismo; Alice foi vítima de abuso sexual por parte do pai; Simon viu os pais a drogarem-se «o tempo todo», a verem filmes pornográficos, e recebe atualmente presentes da mãe, pelo correio e sem qualquer palavra a acompanhá-los; Jujube viveu com uma mãe completamente louca; Camille viu o pai matar a mãe e depois suicidar-se. Quanto a Ahmed e Béa, assistiram à exclusão dos pais da sociedade francesa: o pai de Ahmed está preso porque cometeu «um assalto numa estação de serviço para lhe comprar uns Nike» e a mãe de Béa foi expulsa. Não surpreende, pois, que façam grandes olhos redondos quando descobrem outros modelos. Assim, quando ouve Rosy anunciar a distribuição de beijos no momento de dormir, Courgette fica estupefacto... Quando, na montanha, as crianças do lar veem um rapazinho cair e ser levantado e consolado pela mãe, estacam, de olhos esbugalhados. «É bonita a mãe dele», diz um. «Talvez não seja mãe dele», responde outro. Não parecem conhecer este gesto de conforto, imbuído de doçura e ternura, e duvidam que uma mãe o faça. Da mesma

forma, a relação amorosa entre Rosy (a educadora) e o sr. Paul (o professor) interessa-lhes muito na sua dimensão sexual, que procuram interpretar. Só Courgette explica: «Está apenas apaixonado: aperta-a com força porque tem medo que ela se vá embora». Courgette sabe-o, sem dúvida, porque ele próprio se apaixonou por Camille.

POUCO A POUCO, A RESILIÊNCIA

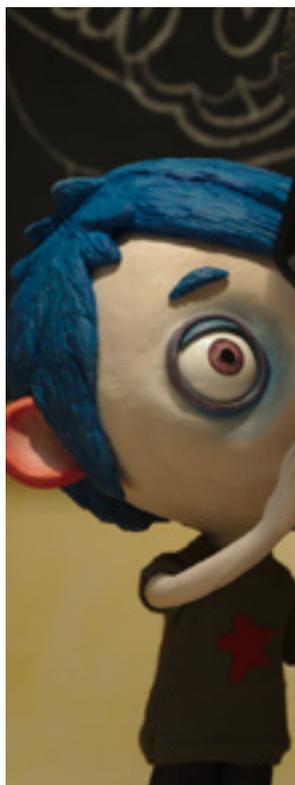
Estas crianças do lar, que passaram todas por uma experiência difícil, sofrem, naturalmente, e esta dor é mais ou menos visível pelos efeitos que produz. Ahmed faz chichi na cama; Alice embrulha as pernas no jogo do elástico e entra «em modo vibrador» logo que um conflito surge à sua volta (põe-se a tremer e bate com os talheres no prato); Béa chama pela «mãe» sempre que ouve o ruído de um automóvel; como se disse, Simon esconde-se por trás de uma personagem de pequeno duro; Jujube não para de comer; Camille esconde-se num armário...

No entanto, retiradas do seu ambiente nocivo, as crianças reconstróem-se gradualmente, o que se mede por pequenos sinais. Courgette, que trouxe como única recordação da mãe uma lata de cerveja vazia, transforma esta num pequeno barco que oferece a Camille. Assim, a memória deplorável de uma ligação que o era igualmente transforma-se num belo símbolo de uma nova relação, muito mais alegre. Ahmed, que foi acusado erradamente pela mãe da rapariga na montanha, só guarda desta recordação o gesto generoso da rapariga que lhe ofereceu os seus óculos de esquí e nunca os abandona! Alice transforma os seus movimentos nervosos numa tentativa de bater um recorde de salto no local. Esta lenta evolução de uma situação dolorosa para outra, serena e feliz, mede-se igualmente através das marcas deixadas na parede a fim de conservar um registo do tamanho das crianças. Quando Courgette revisita, com Raymond e Camille, o apartamento que ocupava com a mãe, as marcas correspondem a traumatismos (o dia em que chumbei; o dia em que o pai se foi embora...), mas em casa de Raymond essas marcas correspondem a um acontecimento feliz: «O dia em que se tornaram meus filhos».

O filme termina com uma carta que Courgette envia a Simon. Pouco depois da chegada de Courgette ao lar, Simon tinha-lhe revelado o passado de cada criança, concluindo: «Já não há ninguém que nos ame». Mas Courgette escreve-lhe, dizendo que estava enganado e que ele e Camille não o esqueceram, nem as outras crianças do lar... Mas, talvez mais ainda que esta mensagem, a conversa entre Courgette e Camille, quando da sua última noite na montanha, é reveladora. O rapaz evoca o futuro que poderia ter tido com a mãe (cerveja e televisão...) e congratula-se por ter escapado. Quanto a Camille, prefere também viver com as crianças e o pessoal do lar do que com a tia. E, além disso, sem Les Fontaines, nunca se teriam encontrado...

Este filme infantil levanta, pois, questões fundamentais aos adultos: que modelo queremos propor às crianças? O ambiente em que educamos as nossas crianças é o mais propício a um desenvolvimento harmonioso? Em que medida as paixões, as frustrações, os interesses dos adultos têm consequências para as crianças?

Por último, no contexto de tensões em torno, por exemplo, do casamento para todos, o filme defende, de forma veemente e eloquente, que a família tradicional (um pai, uma mãe) não é, necessariamente, o ambiente ideal para garantir o desabrochar das crianças. Por vezes, os pais e as mães são fracos, irresponsáveis, violentos, ausentes... O importante não é o papel, o estatuto, a parentalidade, mas sim a relação e a forma como está investida.





TEMAS DE REFLEXÃO

Os adultos do filme dividem-se, aproximadamente, entre bons e maus. Mas muitos deles não podem ser reduzidos a estas categorias, sobretudo aos olhos dos filhos, cuja visão pode, além disso, evoluir. Analisemos, por exemplo, o que diz Courgette ou o que ele transmite da mãe. Como interpretar o desenho do papagaio de papel com o pai como super-herói (com máscara e capa)? Como interpretar a reação de Béa quando a mãe regressa? E que pensar do pai de Ahmed que está preso porque cometeu um assalto «numa estação de serviço para lhe comprar uns Nike»?

A passagem pela feira, onde Raymond leva Courgette e Camille, é marcada por duas atrações: o comboio fantasma e o *stand* de tiro. Considera que estes momentos em que se brinca com o susto e a utilização de uma espingarda têm um significado diferente para estas crianças que conheceram o medo e a violência?

O cinema destinado ao público jovem deve atrair também os adultos porque são estes que levam as crianças a ver filmes e devem também retirar disso prazer, senão não os levariam mais! Tal assume, frequentemente, a forma de um segundo nível, composto por piscadelas de olhos e referências. Não é o caso de *Ma vie de Courgette* (*A Minha Vida de Courgette*). Conhece outros filmes «familiares» que tenham esta qualidade de permitir um verdadeiro debate entre pais e filhos, em vez de propor duas leituras paralelas? Quais?

les grignoux



10 ANOS DE CINEMA EUROPEU PARA OS EUROPEUS

O Parlamento Europeu tem a honra de apresentar os três filmes concorrentes ao LUX FILM PRIZE⁽¹⁾ 2016:

À PEINE J'OUVRE LES YEUX (De Olhos Bem Abertos),

um filme de Leyla Bouzid

França, Tunísia, Bélgica, Emirados Árabes Unidos

MA VIE DE COURGETTE (A Minha Vida de Courgette),

um filme de Claude Barras

Suíça, França

TONI ERDMANN, um filme de Maren Ade

Alemanha, Áustria, Roménia

Estas histórias multifacetadas, resultantes da grande dedicação e criatividade de jovens realizadoras e realizadores talentosos, serão exibidas durante a quinta edição dos LUX FILM DAYS⁽²⁾.

LUX FILM PRIZE

A cultura desempenha um papel fundamental na construção das nossas sociedades.

Por esse motivo, o Parlamento Europeu lançou o LUX FILM PRIZE em 2007, com o objetivo de aumentar a distribuição de filmes europeus em toda a Europa e de desencadear um debate à escala europeia sobre questões sociais importantes.

O LUX FILM PRIZE é uma iniciativa única. Enquanto a maioria das coproduções europeias é exibida apenas no seu país de origem e raramente distribuída noutros países, mesmo dentro da UE, o LUX FILM PRIZE proporciona a três filmes europeus a rara oportunidade de serem legendados nas 24 línguas oficiais da União Europeia.

O vencedor do LUX FILM PRIZE será eleito pelos deputados ao Parlamento Europeu e anunciado em 23 de novembro de 2016.

LUX FILM DAYS

O LUX FILM PRIZE deu igualmente origem aos LUX FILM DAYS. Desde 2012, os três filmes concorrentes ao LUX FILM PRIZE são apresentados a um público europeu mais vasto durante os LUX FILM DAYS.

Os LUX FILM DAYS são um convite a viver uma experiência cultural inesquecível, que ultrapassa fronteiras. De outubro a dezembro de 2016, pode juntar-se aos cinéfilos de toda a Europa para assistir às projeções de *À peine j'ouvre les yeux (De Olhos Bem Abertos)*, *Ma vie de Courgette (A Minha Vida de Courgette)* e *Toni Erdmann* numa das 24 línguas oficiais da União Europeia. Não se esqueça de votar no seu filme preferido no nosso sítio [web luxprize.eu](http://web.luxprize.eu) ou na nossa página no Facebook!

MENÇÃO HONROSA DO PÚBLICO

A Menção Honrosa do Público é o prémio atribuído pelos espetadores no âmbito do LUX FILM PRIZE. Não deixe de votar em *À peine j'ouvre les yeux (De Olhos Bem Abertos)*, *Ma vie de Courgette (A Minha Vida de Courgette)* e *Toni Erdmann*! Terá possivelmente a oportunidade de ser selecionado para assistir ao Festival de Cinema Internacional de Karlovy Vary, em julho de 2017, a convite do Parlamento Europeu, e anunciar o vencedor da Menção Honrosa do Público.

⁽¹⁾ Prémio do cinema LUX

⁽²⁾ Dias do cinema LUX

VEJA,
DEBATA
E VOTE



@luxprize



#luxprize

LUX
PRIZE
.EU

REALIZADOR: Claude Barras

ARGUMENTO: Céline Sciamma

DIRETOR DE FOTOGRAFIA: David Toutevoix

DIRETORA DE ANIMAÇÃO: Kim Keukeleire

MÚSICA: Sophie Hunger

PRODUTORES: Max Karli, Pauline Gygax, Aremelle Glorennec, Eric Jacquot, Marc Bonny

PRODUÇÃO: Rita Productions, Blue Spirit Productions, Gebeka Films, KNM, Radio Télévision Suisse, SRG SSR, Rhône-Alpes Cinéma, France 3 Cinéma, Helium Films

ANO: 2016

DURAÇÃO: 75´

GÊNERO: Animação

PAÍS: Suíça, França

VERSÃO ORIGINAL: Francês



